

Reconstituindo arquivos escolares

A experiência do GEM/MT*

*Elizabeth Madureira Siqueira***

Resumo:

Balanço dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Educação e Memória”, vinculado ao Instituto de Educação (IE), Programa de Pós-Graduação em Educação, ao longo dos últimos dez anos. Incorpora uma breve análise da contribuição bibliográfica regional e nacional, seguida dos levantamentos documentais junto aos principais acervos de Mato Grosso: Arquivo Público de Mato Grosso, Arquivo da Casa Barão de Melgaço e também no interior dos arquivos escolares – Escola Normal “Pedro Celestino” e Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”. Ao lado da organização das fontes escritas, o GEM investiu também na constituição de um Banco de Vozes de professores e funcionários ligados às principais instituições escolares do Estado. Ao final, o artigo elenca a produção de Instrumentos de Pesquisa, assim como apresenta um panorama da produção científica gerada no interior do GEM, tanto as publicadas quanto as que se encontram no prelo.

EDUCAÇÃO; HISTÓRIA; ACERVOS ESCOLARES.

* O Grupo Educação e Memória (GEM) é coordenado pelo professor doutor Nicenor Palhares Sá, responsável pela linha da história da educação do programa de pós-graduação em educação do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

** Doutora em história da educação, membro do GEM da UFMT, curadora da Casa Barão de Melgaço e coordenadora da Editora da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). E-mail: elizabet@top.com.br

Reconstituting school archives

the experience of GEM/MT*

*Elizabeth Madureira Siqueira***

Abstract:

Rocking of the essays developed for the Group of Research “Education and Memory”, tied with the Instituto de Educação (IE), Program of Post-Graduation in Education, to the long of the last ten years. It incorporates one brief analysis of the regional and national bibliographical contribution, followed with the documentary surveys together to the main quantities of Mato Grosso: Public Archive of Mato Grosso, Archive of the House Barão de Melgaço and also in the interior of the pertaining to school archives - Escola Normal “Pedro Celestino” e Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”. To the side of the organization of the written sources, the GEM also invested in the constitution of a bank of voices of professors and on employees to the main pertaining to school institutions of the state. To the end, the article presents the production of research instruments, as well as presents a panorama of the generated scientific production in the interior of the GEM, as much published how much the ones found in “prelo”.
EDUCATION ; HISTORY; SCHOLAR QUANTITIES.

* O Grupo Educação e Memória (GEM) é coordenado pelo professor doutor Nicanor Palhares Sá, responsável pela linha da história da educação do programa de pós-graduação em educação do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

** Doutora em história da educação, membro do GEM da UFMT, curadora da Casa Barão de Melgaço e coordenadora da Editora da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). E-mail: elizabet@top.com.br

O “GEM” e o norte investigativo

Durante o século XIX e a primeira metade do XX, Mato Grosso foi considerado distante, se comparado à realidade litorânea de onde emanavam as diretrizes civilizatórias. Região situada nos “confins do mundo”, a província mato-grossense estava inserida no território da “barbárie”, ainda inexplorado, pois sua população, “indolente e voltada para os prazeres mundanos”, não conseguia arrancar suas visíveis potencialidades (Galetti, 2000). Esse tom discursivo preconceituoso, veiculado inicialmente pelos viajantes estrangeiros e reforçado pelos governantes, era inicialmente introjeto e, mais tarde compartilhado também pelas autoridades ligadas à Instrução Pública – inspetores e diretores regionais. Esses enunciados procuravam reproduzir naqueles “confins do mundo” um modelo de escola e de ensino modernos, cuja matriz provinha dos referenciais prussianos e franceses, transladados e reinventados, no Oitocentos, na corte (RJ). A vulgarização dessa proposta educacional única e sua realização nas diversas partes do território brasileiro foram concretizadas em andamento e forma diferenciados.

Investigar como ela se materializou em Mato Grosso, constituiu-se uma das principais preocupações do GEM que procurou, através de estudos, leitura e do levantamento de fontes documentais, fazer fulgurar a constituição da escola moderna no sertão oeste, fronteira já qualificada como a “chave e o propugnáculo do sertão do Brasil”, no dizer colonial. Esse exercício buscou recuperar a trajetória silenciada dos territórios afastados dos centros hegemônicos, onde os eflúvios civilizatórios não conseguiram ali realizar-se de forma plena e no ritmo e andamento desejados pelas elites dirigentes.

Foi nessa perspectiva que o GEM se empenhou em reescrever a história da educação de Mato Grosso, tendo por base não somente novas fontes e teorias, mas, principalmente, o respaldo na necessidade de timbrar a identidade educacional de uma parte do território brasileiro e, nessa medida, colaborar na ampliação de uma história nacional, heterogênea e plural. Essa assertiva assenta-se no pensamento de Habermas: “[...] o que nos faz diferentes é a nossa própria história, e o que nos iguala é o nosso esquecimento (Habermas apud Souza, 2000, p. 15).

As fontes documentais perseguidas pelo GEM deveriam responder a algumas indagações formuladas a partir do percurso de Mato Grosso e sua ressignificação por diferentes óticas. Concordamos com Vidal quando considera que: “As categorias históricas, assim, conferem um sentido ao passado, incorporado pela escrita historiográfica, no duplo registro de uma condição da pesquisa de campo e de uma recriação da análise pelo manuseio das fontes” (Vidal, 2004, p. 28). Dialogar com a empiria, a partir de uma análise histórica processual sustentada por indagações e formulações teóricas contemporâneas, foi suficiente para que o GEM implementasse o desafio de dar suporte à inscrição de uma nova história da educação de Mato Grosso.

Momentos distintos da historiografia educacional do Mato Grosso

A produção historiográfica mato-grossense no que concerne à história da educação pode ser dividida em dois momentos pontuais: o primeiro datado da primeira metade do século XX, esteve a cargo de intelectuais de formação variada, que se predispuseram a traçar, pela vez primeira, a trajetória educacional mato-grossense; o segundo surgiu pós-1995, quando se constituiu, no interior da pós-graduação em educação da UFMT, um grupo de pesquisa que, apoiado na produção historiográfica anterior, procedeu a avanços substantivos não só no que concerne à ampliação das fontes e teorias, mas, também, na formulação de inovadores questionamentos à empiria.

A produção historiográfica dos primeiros tem como produto final textos de cunho eminentemente político-administrativos, visto que a base de apoio documental teve como centralidade uma única tipologia, a legislação – colonial, imperial e republicana – e sua escrita isenta de qualquer proposta metodológica. Em contrapartida, as indagações formuladas por esse grupo acompanhavam interesses próprios da época. Os escritos gerados por esse grupo têm como representantes: Virgílio Corrêa Filho, com *Questões de Ensino* (Corrêa Filho, 2001); Gervásio Leite, em *Um século de Instrução Pública: história do ensino primário em*

Mato Grosso (Leite, 1971); Rubens de Mendonça, com *Evolução do Ensino em Mato Grosso* (Mendonça, 1977), e Humberto Marcílio, em sua interessante *História do Ensino em Mato Grosso* (Marcílio, 1963). A preocupação desses historiadores, profissionais formados em direito, medicina ou engenharia, visou pontuar momentos marcantes do percurso educacional de Mato Grosso, tomando por parâmetro balizas cronológicas e político-administrativas. O cerne das análises enfoca a legislação emanada dos governantes e administradores e suas reformas de ensino, visto que as questões por eles formuladas assentavam-se na inexistência de qualquer informação anterior sobre o contexto educacional e, por isso, procuraram, ao arremedo da historiografia brasileira da primeira metade do século XX, privilegiar os atos normativos e a política educacional.

O segundo grupo, cuja produção historiográfica data da última década do século XX e composto de intelectuais formados e pós-graduados em pedagogia, filosofia e história, vem produzindo um tipo de historiografia bastante diferenciada daquela oriunda do primeiro grupo, porque a base empírica e seus questionamentos apontam para outros paradigmas. Acatamos as competentes reflexões formuladas por Maria Cecília Cortez Christiano de Souza sobre essa questão, quando considera que: “o passado é constituído e continuamente reconstruído a partir de uma problemática do presente” (Souza, 2000, p. 16). No desenvolvimento de seus trabalhos, novas indagações foram postas para o GEM, as quais deveriam ser respondidas tendo por base referenciais metodológicos capazes de tornar mais compreensível os diversos momentos do processo educativo, não mais entendido enquanto derivação das ações político-administrativas, mas, sim, como prática docente cotidiana. Vidal reforça que essas novas problemáticas desfocaram não só o olhar dos historiadores da educação, de um campo meramente político-administrativo, para o fazer escolar, como tornaram obrigatório a busca de novas fontes:

Julia convidava os historiadores da educação a se interrogarem sobre as práticas cotidianas, sobre o funcionamento interno da escola. [...] propunha uma história das disciplinas escolares, constituída a partir de uma ampliação das

fontes tradicionais. [...] Pretendia, [...] a aproximação entre estas e os estudos voltados ao interior das instituições de ensino [Vidal, 2004, p. 30].

Por essa perspectiva, o GEM investiu na ampliação do universo documental, procedendo, concomitantemente, à necessária releitura da historiografia “clássica” regional e nacional, através da formulação de contemporâneos questionamentos sobre a empiria. Assim, as pesquisas no âmbito da pós-graduação ganharam uma nova direção, pois os objetos de investigação passaram a ter, como centralidade, novas problemáticas: instituições escolares, questão de gênero, cultura escolar, metodologias de ensino, sistema de vigilância, arquitetura escolar, análise do discurso educacional, eugenia no interior do processo educativo, civismo e patriotismo nas escolas, laicização do ensino, profissão docente, dentre outras¹.

Da corte ao sertão: um diálogo possível

Fazendo uma interlocução com Vidal, acordamos:

[...] interessava-me pela “mil maneiras de fazer com” (Certa) os materiais e métodos que eram postos em circulação na escola, questionando como os

-
1. Nessa direção, foram defendidas, junto ao programa de pós-graduação da UFMT, as seguintes dissertações de mestrado: Laci Maria Araújo Alves. “Nas trilhas do ensino (Educação em Mato Grosso 1910-1946)”, defesa em 1997; Elizabeth B. Lannes Bernardes. “Mulheres cuiabanas na Primeira República”, 1998; André Paulo Castanha. “Pedagogia da Moralidade: O Estado e a Organização da Instrução Pública na Província de Mato Grosso (1834 – 1873)”, 1999; Edmar Joaquim dos Santos. “A educação física higienista em Mato Grosso (fase de implantação) 1910-1920, 1999”; Carlos Américo Bertolini. “Encenações patrióticas: a educação e o civismo a serviço do Estado Novo (1937-1945)”, 2000; Elizabeth Pippi Rosa. “Cartilha do Dever: a instrução pública primária em Mato Grosso nas primeiras décadas republicanas (1891-1910)”, 2002; Euclides Poubel e Silva. “Origens do Conselho Estadual de Educação”, 2003; Regina Aparecida Versoza Simião. “Processo de profissionalização docente em Mato Grosso (1930-1960)”, 2004; Emilene Fontes de Oliveira Xavier. “Cultura e civismo no Grupo Escolar “Leônidas de Mattos” (Santo Antônio de Leverger/MT)”, 2004; Dimas Santana Souza Neves. “Controle e vigilância na construção da cultura escolar em Mato Grosso”, 2004.

alunos e professores deles se utilizaram, como subverteram os dispositivos que lhes estavam inscritos, na concepção da escola como um lugar de produção de uma cultura específica, em que constantemente atualizavam-se “estratégias modeladoras e táticas de subversão” [Vidal, 2004, p. 14].

Se subversões ocorriam na corte, o ludíbrico era ainda maior quando se tratava de Mato Grosso, onde, muitas vezes, a maioria de sua população não respondia ou, até mesmo, repudiava peremptoriamente as diretrizes educacionais que lhe eram impostas. Exemplar é o episódio, ocorrido entre os anos de 1873-74, quando o presidente da província aprovou a instalação de duas escolas noturnas, idealizadas pelo inspetor-geral da Instrução Pública, protonotário apostólico Ernesto Camilo Barreto, clérigo baiano que abominava as “orgias” noturnas e diurnas presentes no cotidiano da maioria das famílias, especialmente daquelas pobres, onde o hábito das rodas de cururu, siriri e umbigada, além da beberagem e jogatina imperavam. Retirar essa população do ócio, impondo-lhe um novo ritmo “civilizado”, tornava-se o grande objetivo, e o espaço escolar, sem dúvida, passou a ser visto como “laboratório” ideal. Depois de inaugurar, com muita pompa, dois cursos noturnos, nomeando como regentes homens probos e cultos, ambas as escolas foram fechadas “por falta absoluta de alunos”. Ao cerrar as portas destes “templos da civilização”, o clérigo assim se expressou:

Instituição tão útil, porém, e proveitosa aos que pelos labores da vida não podem durante o dia curar da alimentação do espírito, foi abandonada pelos próprios a quem interessava. Nenhum aluno matriculou-se nessas escolas de instrução primária. Não se diga que estávamos neste ramo, como em Genebra, onde um vogal da sociedade helvética, querendo experimentar o seu método de ensino para adultos, procurando, por toda a cidade, adultos analfabetos, não encontrou senão um, e esse mesmo não era suíço, mas italiano [Siqueira, 2000, p.].

A avaliação do inspetor-geral dos estudos comungava com os ideais da escola moderna porquanto, “Colocada como um espaço de transmissão de saberes universais, a idéia era transformar a escola em

suporte de relacionamentos impessoais, graças aos quais, se pensava, os alunos se libertavam de pertinências sociais particulares e locais” (Souza, 2000, p. 29). Para que essa transformação se processasse, não bastava matricular crianças e adultos nas escolas; o importante seria instruí-los e educá-los dentro dos princípios modernos, e os livros didáticos eram considerados um dos seus mais importantes instrumentos. Vidal (Vidal, 2004) informa terem sido o primeiro e segundo livros de leitura, do Barão de Macaúbas, adotados nas escolas do Rio de Janeiro; indagava-se, teriam esses mesmos compêndios circulado em Mato Grosso? Mesmo distante geograficamente, as lições de Abílio César Borges ali chegaram doadas pelo autor que, em correspondência, ponderou que seus ensinamentos serviriam para retirar da “barbárie” a população mato-grossense:

Em 1874, tendo-me sido comunicado que as escolas dessa Província padeciam falta absoluta de livros, porque o Tesouro provincial em penúria não permitia fornecê-los desses principalíssimos instrumentos do ensino, sem os quais bem pouco valem escolas, ofereci para as mesmas 1.200 exemplares dos meus compêndios escolares. Lendo agora nos jornais a notícia do crime nefando praticado aí por mãe bruta e feroz, que à sua própria filha, na flor dos anos, arrancara fria e calculadamente a vida, cravando-lhe no seio a faca filicida, e tendo para si que praticava um ato de sublime virtude com punir assim uma falta da infeliz filha, que mais do que punição mereceria compaixão; crime esse que não é senão a continuação de muitos outros igualmente atribuídos à completa ignorância em que jaz imersa a maior parte da população dessa Província; no desejo de concorrer para que vão penetrando alguns raios de luz nessas trevas espessas que ainda aí envolvem os espíritos, resolvi fazer novo oferecimento de três mil exemplares dos ditos meus livros para serem distribuídos pelos alunos pobres mato-grossenses, que freqüentam as escolas. Esses livros acham-se à disposição de V. Exa., e serão entregues a quem V. Exa. determinar [Siqueira, 2000, p. 232].

No que tange aos métodos de ensino, a província de Mato Grosso acompanhou, mesmo levando-se em conta relativa defasagem cronológica, as orientações metodológicas emanadas da corte. Nos primeiros anos

da década de 1870, as escolas públicas primárias ainda não possuíam um método de ensino claramente definido, na ótica de Camilo Barreto:

Ainda não pude compreender qual o método de ensino aplicado nas escolas. [...] pelo que vi e presenciei o sistema não é nenhum dos métodos mencionados, é não ter sistema. A variedade e não a uniformidade rege as escolas. Cada qual ensinando pelo modo por que aprendeu, e cada um aprendeu pelo que mais lhe convém. Nenhuma ordem na distribuição do tempo, nem nas matérias do ensino. As sessões de leitura, de escrita, de aritmética e de doutrina, em vez de se sucederem, tornam-se simultânea, estes escrevem, enquanto aqueles rezam, lêem uns enquanto outros se ocupam em fazer contas [Siqueira, 2000, p. 215].

Assim, o ensino simultâneo-mútuo, ministrado pelo método lancasteriano, fora indicado aos professores mato-grossenses pela diretriz emanada do Regulamento da Instrução Pública do ano de 1873. Sua realização, no entanto, não se efetivou, apesar de todos os esforços despendidos pelo protonotário Camilo Barreto que, pessoalmente, se predispôs a ministrar aulas de metodologia aos professores mato-grossenses:

Não tenho necessidade de encarecer o método simultâneo, aplicado ao ensino primário, ele já está julgado pelas nações mais adiantadas e pelos nossos mais distintos professores e pedagogistas. [...] já está ele admitido e em execução entre nós na 1ª cadeira de instrução primária da paróquia da Sé, regida pelo cidadão Manuel Teixeira Coelho, e se não em todas as escolas desta capital, isto é somente devido à falta de casas e das mobílias e utensílios indispensáveis ao sistema. Todos os professores desta capital e de Vila Maria [Cáceres] assistiram aos exercícios pedagógicos, e se os não puderam desenvolver ainda em suas respectivas escolas, é isso devido ao que deixei referido [Siqueira, 2002, p. 311].

Entusiasmado com os efeitos multiplicadores do moderno método, o mesmo clérigo e seu sucessor, à frente da instrução pública, se empenharam em montar, em Cuiabá, uma escola modelar, contando com espaço físico suficiente para que o ensino mútuo pudesse se realizar. Ela,

no entanto, não progrediu, vigorando, na maioria dos estabelecimentos de ensino primário, o método misto. Nos “confins do mundo”, com uma população majoritariamente analfabeta e miscigenada, a alfabetização em massa, propugnada pelo método lancasteriano, seria, na visão dos administradores do século XIX, sem dúvida, uma excelente solução. Faria Filho elucidou-nos sobre as principais condições exigidas para implementação do método mútuo:

[...] ao incidirem sobre a organização da classe, sobre a necessidade de espaços e de materiais específicos para a realização da instrução na escola, sobre a necessidade de formação dos professores e, finalmente, ao estabelecerem o tempo e a questão econômica como elementos basilares do processo da escola [Faria Filho, 2000, p. 142].

Em que espaços escolares os pressupostos da escola moderna foram implantados em Mato Grosso? Crianças de que faixa etária e escala social freqüentavam a escola? Quais aquelas que prosseguiram os estudos? Os métodos de ensino aplicados em Mato Grosso eram similares àqueles adotados na corte, ou eles sofreram uma adaptação à realidade sertaneja? Que livros didáticos eram adotados? Havia uma produção didática regional? Quando o segmento feminino ingressou na carreira do magistério? Qual a sua formação e quem eram essas professoras? Qual o nível cultural dos docentes? Que trajetória foi realizada pelas instituições escolares? Foi em busca dessas e de muitas outras respostas que o GEM investiu no levantamento sistemático de fontes, iniciando o percurso com a organização da documentação oficial, para mais tarde, tendo por base os seus “silêncios”, procurar desvendá-los através das informações contidas nos acervos privados – institucionais, pessoais e familiares – para, depois, investir na produção de novas fontes, tendo por base a história oral.

O trabalho com a documentação pública

Os documentos somente se transformam em monumentos, à medida que são utilizados e referendados pelo historiador (Le Goff, 1990).

Entendemos que os arquivos escolares, localizados, sistematizados e preservados em diferentes acervos documentais – tanto os de caráter público, como privados – deram novo estatuto à história da educação, visto que capazes de fazer fulgurar, no interior de um processo mais amplo, o cotidiano das escolas.

Foi em busca da recomposição das fontes oficiais, agora ampliadas com o rastreamento das institucionais e privadas, que o GEM investiu na sistematização de documentos relativos à história da educação de Mato Grosso e que, certamente, serviram de apoio não somente às pesquisas educacionais pertinentes ao contexto regional, mas, também, àqueles trabalhos que buscaram relacionar e cotejar nacionalmente realidades escolares diferenciadas.

O universo empírico, trabalhado ao longo de quase 10 anos (1996-2005), permitiu ao Grupo de Pesquisa em História da Educação constituir um banco de dados que abarca os períodos imperial e republicano (1822-1950). Inicialmente, privilegiou-se a documentação manuscrita e impressa, catalogada em verbetes ou resenhas indicativos das informações contidas em cada documento, esclarecendo sobre sua localização no interior dos respectivos acervos. Ao lado desse trabalho, esforços subseqüentes foram envidados na transcrição e digitação das fontes, privilegiando-se, especialmente, a legislação, os relatórios dos governantes e autoridades responsáveis pela condução da instrução pública, assim como os documentos especialmente relevantes que colaboram para dar maior visibilidade e domínio às práticas escolares – processos, discursos, artigos veiculados em periódicos, correspondências, livros de registro de material escolar, orçamentos etc. Essas informações encontram-se hoje disponibilizadas virtualmente, podendo os interessados ter abreviadas suas investigações documentais. Em especial, esse instrumental está servindo, ao longo dos últimos oito anos, para amparar as pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação em educação, apresentando-se como elemento facilitador do desenvolvimento de monografias, dissertações e teses. Concordando com as reflexões de Amorim, quanto à importância do trabalho de sistematização de fontes, pois “ele permite que o documento cumpra sua finalidade, ajudando a completar a cadeia necessária à criação científica” (Amorim, 2000, p. 90).

As fontes do poder executivo

Os documentos gerados e produzidos pelos poderes públicos, por muito tempo, constituíram-se nas únicas fontes aceitas e consideradas legítimas para embasar o métier do historiador. Entretanto, não era sua natureza que determinava, em última instância, a produção de um conhecimento “oficialesco”, comprometido com uma história factual, cronológica e notoriamente política, mas, sim, a forma como ela era apropriada e inquirida pelo pesquisador. Do século XIX ao XXI, ocorreu uma importante alteração na concepção de leitura e apropriação dos documentos, visto que o investigador, que num primeiro momento se limitava apenas a copiar o documento sem exercer sobre ele qualquer intervenção, passou a formular interrogações e questionamentos à empiria, nela buscando respostas para suas indagações, estas, sim, inovadoras. Nessa medida, os documentos gerados pelos poderes públicos mantiveram, com essa transformação, o mesmo *status*, sendo que o pesquisador é quem alterou as perguntas a eles proferidas.

O GEM, nos idos de 1995/2003, arrolou, no interior dos arquivos oficiais, um expressivo conjunto documental, tendo sido seu primeiro investimento realizado junto às fontes oficiais depositadas no Arquivo Público de Mato Grosso. Ali foram levantados, resenhados, transcritos e digitalizados códices e documentos avulsos relativos ao Império e à Primeira República. O resultado desse trabalho frutificou em dois importantes instrumentos de pesquisa: *Memória: catálogo de documentos relativos à história da educação mato-grossense (período Imperial)*, publicado em 1996 (Sá & Siqueira, 1996), e um CD-ROM contendo a documentação republicana, 1890 a 1950 (Sá & Siqueira, 2004). No primeiro caso, o catálogo recebeu uma organização cronológica e no segundo, o CD-ROM, a ordenação obedeceu à entrada por instituição tendo, em seu interior, a sistematização cronológica. Após esse trabalho inicial, o GEM investiu na transcrição e digitalização dos documentos considerados relevantes, que, hoje, encontram-se à disposição dos pesquisadores junto ao banco de fontes do GEM.

O acervo legislativo

Considerando que a documentação emanada do poder executivo mantém estreita relação com a do legislativo, um segundo trabalho de levantamento centrou esforços na organização dos dados escolares e educacionais gerados no interior das fontes parlamentares provincial/estadual. Para tanto, foram catalogados: livros de atas das sessões legislativas (1835-1950), projetos de lei e emendas, assim como a coleção da legislação. Esse esforço frutificou em catálogos temáticos, assim como toda a legislação imperial e republicana foi resenhada e ordenada cronologicamente, integrando os CDS-ROM de Império e de República.

As decisões parlamentares apresentaram-se como muito importantes para se vislumbrar as prioridades políticas no que tangia aos assuntos educacionais, assim como tornou clara a, até então invisível, luta partidária travada no parlamento que incidia decisivamente na criação e manutenção de escolas, atingindo, da mesma forma pendular, a nomeação e demissão de diretores e mestres, que ficavam à mercê do jogo político. O mesmo ocorria com as reformas educacionais, que acompanhavam o ritmo dessa ciranda.

Uma preciosa documentação, a processual, foi localizada no interior do acervo parlamentar, e algumas de suas peças – as relativas aos inspetores/diretores de ensino – contaram com depoimentos de professores. O testemunho de muitos mestres colaborou para tornar mais próximo o fazer escolar no tocante aos métodos de ensino e até mesmo aos castigos físicos e ao processo de fiscalização e vigilância no fazer escolar. Esse material, apesar da cautela com que deve ser “lido”, visto que propositadamente instruído, visando ao afastamento de autoridades educacionais desafetas politicamente, transformou-se em esclarecedoras pistas indicativas daquilo que se passava no interior dos estabelecimentos escolares. Do mesmo modo, foi uma importante referência para a reconstituição de dados biográficos dos mestres e administradores, visto iniciar cada depoimento com uma apresentação do depoente (Siqueira, 2000).

Não bastava consultar os documentos gerados e produzidos pelos poderes públicos – legislação, relatórios de governantes e inspetores/

diretores da instrução pública, regulamentos, atos normativos, processos etc. Eles, sem dúvida, elucidavam pegadas importantes do processo educacional, porém eram insuficientes para desvendar o cotidiano escolar, as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas no interior das salas de aula e, tampouco, ofereciam suporte para se conhecer mais profundamente o universo social e cultural dos professores, alunos e demais agentes envolvidos no processo educativo.

Vestígios da documentação oficial apontaram alguns acervos públicos escolares “perdidos”

Foi a partir da organização das fontes documentais oriundas dos poderes executivo e legislativo que o GEM certificou-se da inexistência de dados sobre alguns importantes estabelecimentos públicos escolares, criados no século XIX: o Liceu Cuiabano (instituído no final de 1879 e instalado nos primórdios de 1880) e a Escola Normal de Cuiabá, intitulada mais tarde Escola Normal e Modelo Barão de Melgaço, instalada no primeiro distrito da capital mato-grossense, na primeira metade do século XIX. Essas escolas conviveram, durante muitos anos, num mesmo espaço físico, o Palácio da Instrução, porém ali não se conseguiu localizar qualquer documento. Investigando junto aos antigos professores e diretores, ficou-se sabendo que os citados arquivos escolares estavam depositados, o da Escola Normal, na Escola do 1º e 2º graus “Presidente Médici”, criada pós-1907, e o do Liceu Cuiabano, no edifício que hoje abriga o centenário estabelecimento, instalado num portentoso edifício construído durante o Estado Novo. O GEM deu início a um trabalho de arranjo e catalogação desses acervos, que serviram de base para a elaboração de dissertações de mestrado².

-
2. Elizabeth de Sá Poubel Silva. “A Escola Normal de Cuiabá (1910-1916): contribuição para a História da formação de professores em Mato Grosso”, 2000, Maria Inês Zanelli. “A criação do Liceu Cuiabano na província de Mato Grosso: o curso de línguas e ciências preparatórias e a formação dos intelectuais”, 2001 e Rosinete Maria dos Reis. “Palácios da Instrução: institucionalização dos Grupos Escolares em Mato Grosso (1910-1927)”, 2003.

No ano 2000, ingressaram na pós-graduação em história da educação dois membros ligados profissionalmente ao Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) (de Mato Grosso e de Cuiabá) que escolheram como temática de dissertação a Escola de Aprendizes Artífices, fase embrionária desse centro, em Mato Grosso (1909-1910), e o Aprendizado Agrícola Gustavo Dutra, atual CEFET-Cuiabá), estabelecimento rural (construído na BR-364, Serra de São Vicente), instituído durante o Estado Novo e que recebia alunos sob o regime de internato. Nesse esforço, foram localizados e sistematizados importantes papéis relativos ao ensino público federal em Mato Grosso³.

De posse da documentação gerada pelos poderes executivo e legislativo estaduais, acrescida dos dois importantes acervos escolares federais, o GEM prosseguiu na busca de novas fontes, as de caráter privado, uma vez que as investigações do grupo tinham ainda que pontuar as questões relativas à cultura e cotidiano escolares.

Da documentação oficial à documentação privada:

Os acervos privados institucionais

O terceiro esforço do GEM teve como meta o levantamento e sistematização da documentação educacional existente nos acervos privados institucionais, depositados no Arquivo da Casa Barão de Melgaço, entidade quase centenária que abriga as duas agremiações culturais mais antigas de Mato Grosso: o Instituto Histórico e Geográfico de Mato

3. Nádia Cuiabano Kunze. “A Escola de Aprendizes Artífices em Mato Grosso (1910-1937)”, 2005 e Abimael Antunes Marques. “O Aprendizado Agrícola Gustavo Dutra: seu papel e importância no contexto agrícola de Mato Grosso”, 2005. Já havia sido defendido, no ano de 1997, uma dissertação de mestrado intitulada “O Aprendizado Agrícola Gustavo Dutra: a maior dádiva de Mato Grosso (1942 – 1964)”, de Luciane Neuvauld, no entanto, trabalho pioneiro foi desenvolvido, enquanto tese de Doutorado, defendida junto ao programa de pós-graduação em Educação/UFMT, no ano de 1999, pela historiadora Matilde Araki Crudo, intitulado “Aprendizes do Arsenal de Guerra de Mato Grosso: Trabalho infantil e educação (1842 – 1899)”, primeira instituição federal no cenário educacional de Mato Grosso.

Grosso (IHGMT, instalado em 1919) e a Academia Mato-Grossense de Letras (instituída em 1921). No interior do arquivo, composto por uma biblioteca de mais de 10.000 volumes e um riquíssimo acervo de periódicos⁴, além de fotografias, móveis e objetos, foram localizados livros de registro dos sócios, acompanhados de dados biográficos, nos quais se verificou a presença de muitos docentes. Importantes dados avaliativos referem-se aos pareceres que o IHGMT emitia nos livros didáticos de história e de geografia, apresentados por autores regionais. Tratava-se das primeiras propostas de levar para as escolas primárias e secundárias conhecimentos concernentes à realidade de Mato Grosso. Dois deles foram aprovados e passaram a ser adotados nas escolas públicas e privadas de Mato Grosso: o *Quadro Chorographico de Matto Grosso*, de autoria de Estevão de Mendonça (Mendonça, E. 1906), e também *O Município de Cuiabá (Terceiro Livro de Leitura)*, de autoria da professora Amélia de Arruda Alves (Alves, 1949). A organização, sistematização e informatização do arquivo da Casa Barão de Melgaço receberam o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Projeto Norte, através da UFMT, e foram executadas por um membro do GEM, curadora da Casa Barão de Melgaço. O resultado final desse trabalho foi a produção de um CD-ROM contendo um minucioso catálogo comentado. A potencialidade dos acervos institucionais e sua contribuição para a reconstituição de fontes pertinentes à educação, também mereceu apreço por parte de Casasanta Peixoto que sobrelevou a importância da biblioteca da Academia Mineira de Letras que, “embora não organizada, possui volumes contendo vida, obra, discursos de personalidades no campo da cultura, algumas delas de destaque na história da educação” (Peixoto, 2000. p. 79).

Um outro importante filão educacional da Casa Barão de Melgaço foi encontrado junto ao arquivo do extinto Instituto de Pesquisas D.

4. Duas dissertações de mestrado tomaram este acervo de periódicos como objeto: “O ensino laico: entre a cruz e a espada: polêmica sobre o ensino laico veiculado pelo periódico “A Cruz” (1910-1924)”, de Marize Bueno de Souza Soares, 2002, e “Educação na revista feminina A Violeta”, de Gisleine Crepaldi Silva, defendida no ano de 2003.

Aquino Corrêa, incluindo cerca de 6.000 papéis que, depois de sistematizados, foram dispostos em grandes pastas e caixas, sendo seu catálogo organizado em três grandes chamadas cronológicas: Colônia, Império e república. No bojo deste expressivo conjunto de fontes, foram encontrados papéis que diziam respeito ao ensino informal, ministrado na capitania de Mato Grosso pelos engenheiros portugueses que ali se fixaram e foram responsáveis pelo comando das fortificações, a exemplo de Ricardo Franco de Almeida Serra, que se dedicou a ensinar geometria e matemática aos oficiais e soldados dos batalhões de fronteira. Foi também localizada, no período imperial e republicano, uma expressiva documentação concernente às instituições escolares, a exemplo de códices e papéis avulsos pertinentes ao mais antigo curso secundário e confessional de Mato Grosso, o Seminário Episcopal da Conceição, instituído no ano de 1853, graças às ações do primeiro bispo diocesano de Cuiabá, o paulistano dom José Antônio dos Reis. Através de sua sistematização, puderam ser recuperados dados biográficos dos seus docentes, ao longo de quase oitenta anos, assim como conhecidos os métodos de ensino, plano de estudos, livros didáticos e grade horária. Documentos relativos a outras instituições de ensino a cargo da Igreja católica também foram sistematizados, a exemplo dos relativos ao Asilo Santa Rita (internato e externato do sexo feminino) e ao Liceu Salesiano São Gonçalo em seus trabalhos missionários junto aos grupos indígenas regionais. Cada um destes filões documentais redundaram em dissertações de mestrado⁵.

Os acervos privados

Além dos acervos institucionais, o Arquivo da Casa Barão de Melgaço congrega uma volumosa e diversificada documentação priva-

5. Recorreram a essa documentação: Adilson José Francisco. “Apóstolos do Progresso: a prática educativa Salesiana no processo de modernização em Mato Grosso (1894 1919)”, 1998; Arilson Aparecido Martins. “O Seminário Episcopal da Conceição: da materialidade física à proposta pedagógica”, 2000; Ivone Goulart Lopes. “O Asilo Santa Rita de Cuiabá: releitura da práxis educativa feminina católica (1890 –1930)”, 2002.

da pertencente a professores, intelectuais, políticos e personalidades ligados à história, literatura e cultura mato-grossense, doada pelos familiares após o falecimento dos titulares. Esse é o caso das coleções documentais que pertenceram à Família Mendonça: Estevão (historiador e primeiro diretor da Biblioteca Pública Estadual), Rubens (historiador e literato); dos papéis acumulados por Ramiro Noronha, um dos integrantes do Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI) e responsável pela abertura dos postos e escolas indígenas de Mato Grosso, na primeira metade do século XX; os de Luis-Philippe Pereira Leite (historiador e cartorário); e os acervos privados da Família Rodrigues, compostos por uma diversificada e volumosa documentação acumulada por dois eméritos professores cuiabanos, Firmo Rodrigues (1871-1944) e sua filha Maria Benedita Deschamps Rodrigues (1908-2001), apelidada “Dunga Rodrigues”.

O acervo da Família Rodrigues

A coleção da Família Rodrigues – Firmo José Rodrigues e Dunga Rodrigues – constitui-se um dos mais importantes e completos conjuntos documentais abrigados no arquivo da Casa Barão de Melgaço. Isso se deve ao fato de que a família, após o falecimento da última titular, em 2001, doou, de forma pródiga e à escolha da Curadoria da Casa Barão de Melgaço, um patrimônio volumoso e bastante diversificado no que tange à natureza documental. Assim, foram recolhidos: a *biblioteca* familiar, os *papéis avulsos*, os *periódicos*, as *fotografias*, o *mobiliário* e até os *objetos*. Esse rico patrimônio, único no Estado pela sua diversidade, é capaz de recuperar não somente a trajetória desses dois mestres – através dos seus livros didáticos e paradidáticos, dos escritos avulsos e diários de viagem –, mas, também, o cotidiano de ambos, trazendo a lume um intrincado universo intelectual e social em que atuaram por quase dois séculos. Ao lado disso, a coleção incorpora, além de documentos dos titulares, papéis avulsos, objetos, fotografias e mobiliário que pertenceram aos seus pais e avós.

O arranjo e sistematização da coleção documental da Família Rodrigues mereceram estudos sistemáticos e uma metódica específica

na classificação dos mais de 10.000 *papéis escritos*, cerca de 850 *fotografias*, mais de 470 peças de *jornais*, além do diversificado *mobiliário* e grande número de *objetos*. Para tanto, a curadora da Casa Barão de Melgaço buscou capacitação junto ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), em curso específico sobre acervos privados, ministrado junto ao Arquivo Público de São Paulo, no ano de 2003, sob a regência da professora doutora Ana Maria de Almeida Camargo e de outras renomadas historiadoras e documentalistas.

Todo o acervo mereceu uma única metódica de arranjo, tendo por base 10 grupos: atuação profissional; documentos de família; documentos pessoais; formação intelectual; produção intelectual; relações familiares; relações sociais; transações comerciais e financeiras; universo de interesse e sem vínculo aparente. No interior desses grupos foram estabelecidos subgrupos e séries. Assim, o conjunto documental manteve uma sistemática única, elemento facilitador de seu arranjo e consulta.

No que tange especificamente ao setor educacional, a documentação apresenta-se como reveladora, visto que uma série completa de documentos iluminou o entendimento da cultura escolar, tanto no que diz respeito às modalidades de ensino, aos livros didáticos utilizados, quanto também aos métodos de ensino adotados nos séculos XIX e primeira metade do XX. Digna de nota é a documentação referente à Escola Militar da Praia Vermelha, onde Firmo José Rodrigues estudou no final do século XIX, no interior da qual foram encontrados cadernos manuscritos das aulas de positivismo ministradas por Benjamin Constant e minuciosamente anotadas em quatro brochuras; das lições, da Escola Normal Pedro Celestino e Asilo Santa Rita, onde Dunga Rodrigues cursou o primário; da Escola Normal Pedro Celestino, onde ela complementou seus estudos. Enquanto mestre, pudemos encontrar brochuras contendo anotações e programa de aulas, relação e nota de alunos, planos de curso, sabatinas e convites e discursos de formatura, das quais os titulares foram, por vezes, paraninfos. Uma série ilustrativa de fotografias emoldura a correspondência de Firmo e de Dunga com outros professores, seus contemporâneos. Nessas missivas, pudemos vislumbrar os livros que encomendavam, aqueles que pediam por empréstimo, as dificulda-

des salariais, informações sobre administradores escolares, carreira docente, assim como a influência da política nacional e regional na vida da categoria.

Esses dados educacionais foram enriquecidos com os exemplares da *biblioteca* familiar, acumulada ao longo de quase dois séculos, cujas obras são capazes de recuperar não somente o universo de leitura dos dois professores, mas servem também para distinguir os livros que foram por eles compulsados durante o período de formação escolar e em seu cotidiano didático, visto que anotados. Além desses entrecruzamentos, a produção literária das duas personalidades, por sua natureza farta, apresenta-se como relevante para fazer fulgurar o universo intelectual e formas de escrita e produção literária da época, por se tratar de artigos, muitos deles inéditos, versando sobre o cotidiano escolar, social e da cidade, incluindo também muitos dados biográficos e práticas docentes de antigos professores. Esses textos, muitos deles publicados no formato de livros⁶ ou artigos integrantes de periódicos regionais, uma vez entrecruzados com a produção intelectual inédita dos titulares, – abundante no interior dos papéis avulsos –, emolduram um universo social ampliado e representativo não só deles e de seus familiares, mas descortinam facetas do social e cultural representativas de todo um conjunto de professores que atuou no cenário mato-grossense durante a segunda metade do século XIX e primeira do XX. Tanto pai quanto filha, quando já idosos, deixaram escritos preciosos cuja temática versa sobre

6. Firmo Rodrigues publicou, em dois volumes, “Figuras e Coisas de nossa Terra” e “Diário de uma viagem”, ambos editorados após sua morte. Dunga deixou um expressivo número de publicações: “Reminiscência de Cuiabá”, “Os vizinhos”, “Roteiro Musical da Cuiabania: o movimento musical em Cuiabá”, “Roteiro Musical da Cuiabania: Antônio Simarigo: vida e composições”, “Roteiro Musical da Cuiabania: Antonio Pedro de Figueiredo: vida e composições”, “Roteiro Musical da Cuiabania: José Mamed da Silva Rondon: vida e composições”, “Marphysa (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo do Ourique e das esmoladas do Senhor Divino)”, “Cuiabá: roteiro de lendas”, “Uma aventura em Mato Grosso”, “Cuiabá ao longo de 100 anos”, “Lendas de Mato Grosso”, “Movimento musical em Cuiabá”, “Colcha de retalhos”, “A situação lingüística do francês”. (Tese para o concurso à cadeira de francês do Colégio Estadual de Mato Grosso).

seu próprio percurso escolar, enriquecida de comentários hilariantes sobre os mestres, seus trajes, maneiras de falar e andar, rigor na aplicação de sabatinas e até mesmo comentários sobre sua vida particular. Descrições idênticas foram temáticas de diversas crônicas jornalísticas tendo como assunto os colegas de turma, sua inserção na sociedade e prosseguimento na carreira após a finalização dos estudos secundários.

Da mesma forma, essa importante coleção documental serviu para compreender a evolução das noções de tempo, solidariedade, estética e espacialidade introjetadas não somente por esses mestres, mas de extrema significação para toda a sociedade mato-grossense de, pelo menos, duas gerações. O mobiliário da Família Rodrigues é o retrato de uma Cuiabá singela, rústica e onde a vida estava muito mais voltada para fora do que para dentro das residências. A convivência mais recorrente tinha como palco o fundo das casas, as largas e aconchegantes varandas. Essas conversas familiares eram entoadas ao som de melodiosas músicas tocadas ao piano, instrumento farto na cidade e que ali chegava, no século XIX, trazido pelos vapores que do Estuário do Rio da Prata atingiam o centro da América do Sul, e, mais tarde, pela Ferrovia Noroeste do Brasil, até Campo Grande, sendo baldeadas para Cuiabá por via fluvial. Dunga Rodrigues, que estudou música e lecionou durante boa parte da sua vida, registrou de forma vibrante, em diversos escritos esparsos, muitos deles inéditos, a vida e obra de suas professoras, assim como elencou diversas produções e composições musicais, muitas inéditas, até então. Ensaios também versam sobre festas típicas cuiabanas, especialmente as juninas, conversas travadas nas varandas ou até mesmo nas rodas de cadeiras colocadas nas calçadas, regadas pelo tradicional guaraná ralado, refresco ou um licor, quando a ocasião era comemorativa. Destaque deve ser feito às crônicas relativas às relações de poder fortemente presentes no contexto mato-grossense, especialmente na primeira metade do século XX, onde a violência e o coronelismo saltavam aos olhos. As discussões e avaliações políticas eram uma constante no viver do cuiabano, pois, a cada eleição, os empregos e a segurança das famílias eram colocados em xeque.

Não somente o contexto regional é recuperado pela documentação, mas também o nacional e até mesmo o internacional, visto que esses dois

mestres implementaram estudos superiores fora de Mato Grosso, mais especificamente no Rio de Janeiro, empreendendo viagens internacionais, a trabalho ou lazer. As anotações manuscritas nos envelhecidos diários são reveladoras das dificuldades encontradas por esses dois professores cuiabanos em sua adaptação fora de Mato Grosso, no tocante às relações sociais, aos passeios e até mesmo na culinária. Mais instigantes são os diários de viagens internacionais, cuja escrita revela o estranhamento dos “sertanejos” diante do mundo europeu, norte-americano, ou asiático. Ao lado dessas pontuais anotações, extensas missivas descrevem, aos amigos e parentes mais próximos, o roteiro da viagem, os atropelos nos aeroportos, portos e também nas estações rododiferroviárias.

Os muitos escritos de si e para si são acompanhados, no entrecruzamento da extensa documentação, de fotografias, cartões, bilhetes, cartas e telegramas, filão documental capaz de vislumbrar as representações desses professores perante as novas paisagens e ambientes. Certamente, na torna-viagem, os conhecimentos adquiridos eram, sem dúvida, repassados no cotidiano de sala de aula e também nas elegantes vestimentas usadas nos salões de baile, e até mesmo nos novos móveis e adornos de suas residências.

Objeto de projeto amparado pela Lei de Incentivo à Cultura Estadual (Secretaria de Estado de Cultura – SEC), o resultado final se consubstanciou no arranjo e sistematização deste acervo familiar, seguido da referência (verbete) de cada peça documental. Esse instrumento de pesquisa encontra-se hoje disponível no CD-ROM: *Patrimônio Vivo de Firmo e Dunga Rodrigues*, disponibilizado no início do ano de 2005.

O acervo eclesiástico

Um investimento paralelo foi executado por um dos membros do GEM no assessoramento às atividades de arranjo e catalogação do acervo documental da *Cúria Metropolitana de Cuiabá*, projeto coordenado pela historiadora doutora Maria Adenir Peraro. No trabalho com esse acervo puderam ser recuperadas importantes informações relativas à atuação educacional da Igreja católica. Diversos códices e papéis avulsos

complementaram a documentação depositada no arquivo da Casa Barão de Melgaço, referente ao Seminário Episcopal da Conceição. Outras instituições educativas também tinham seus papéis depositados no arquivo da Arquidiocese de Cuiabá, a exemplo do Asilo Santa Rita, instituição educacional que mantinha regular ensino primário feminino sob as modalidades de internato e externato, e também do Liceu de Artes e Ofício, instituído pelos salesianos. Farta documentação relativa aos trabalhos educacionais e catequéticos efetivados no interior das missões indígenas também foi encontrada no mesmo arquivo. Além da documentação específica das instituições escolares, outra massa documental foi de extrema importância para o reconhecimento dos atores educacionais de todo o século XIX e primeira metade do XX, visto que no arquivo da Cúria Metropolitana estão depositados e em bom estado de conservação livros de batismo, casamento, crisma e óbito. Além dos documentos escritos, uma significativa quantidade de fotografias torna ainda mais concreta a atuação da Igreja católica em Mato Grosso. Ao final desse trabalho, foi gerado um catálogo, publicado em papel, tendo sido todo o acervo microfilmado. Atualmente esses microfilmes estão sendo digitalizados, o que colaborará não somente para a preservação dos documentos originais, mas estará garantido o pleno acesso a essa documentação pelas gerações futuras.

A produção de novos documentos através da história oral

A investida atual do GEM está centrada na constituição de um banco de vozes de antigos professores, ex-alunos e servidores dos estabelecimentos escolares de Mato Grosso utilizando o aporte da história oral. Num primeiro momento, foram escolhidos para serem entrevistados professores com idade cronológica acima de 75 anos que pudessem relatar sobre suas práticas e experiências como alunos e, também, enquanto docentes. Em contrapartida, o projeto não deixou de registrar as falas de diretores e inspetores escolares, personalidades que participaram do processo educacional assumindo funções administrativas e cujo olhar difere, em muito, daquele ilustrativo das memórias docentes e discentes.

Essa experiência, extremamente rica, proporcionou ao grupo de pesquisa a possibilidade de ter aclarados alguns aspectos da prática escolar até então obscuros ou mesmo omissos pela documentação oficial, institucional e também privada. Nessa medida, foi a partir das memórias orais, que novas fontes foram constituídas. Esse exercício, inédito para o GEM, exigiu estudos preliminares e seminários que auxiliaram o grupo para a adoção de uma metodologia apropriada e correta nesse campo. O professor doutor Antônio Montenegro, ligado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi o orientador do grupo de pesquisa. Leituras, discussões, troca de experiências e, principalmente, confabulações teóricas embasaram o GEM em seu novo investimento. A história oral foi utilizada como uma técnica capaz de fazer fulgurar lembranças de antigos profissionais da educação que, num esforço de articulação entre o passado e o presente, ressignificavam sua vivência escolar e profissional, fazendo emergir lembranças preciosas de um passado remoto, a exemplo dos mestres, dos livros didáticos, dos métodos, dos recreios e festas escolares. Além disso, esses profissionais, em sua releitura, implementavam o mais fantástico dos movimentos, tecendo numa única teia entre o passado e o presente, fazendo fulgurar aquilo que Benjamin advertiu por tantas vezes: “essa articulação do passado não significa reconhecê-lo como realmente foi. Significa apoderar-se de uma recordação para transformar o presente” (Benjamin apud Souza, 2000, pp. 39-40). Nessa medida, os depoimentos dos antigos mestres da educação ecoaram, para os docentes e pesquisadores do GEM, como incentivo para as transformações no presente. Foram exercícios muito enriquecedores, pois, para os depoentes, apresentaram-se como uma forma de valorização de sua sabedoria e experiência e, para os entrevistadores, um repensar sobre o presente tendo por base os contributos do passado.

O primeiro passo foi realizar um levantamento dos professores, acima de 75, ainda vivos, em condições de oferecerem suas memórias. Para isso, foram escolhidos docentes oriundos de diversas camadas sociais e etnias, que residissem na capital e fora do estado. O passo seguinte teve por base estudos biográficos dos entrevistados através da elaboração de dossiês individuais. Em seguida, elaborou-se um roteiro de entrevista, seguido de sua realização. O resultado foi excelente, uma

vez que os professores e administradores foram filmados com câmara digital, além de terem seus depoimentos gravados em fitas cassete. Quase uma meia centena de entrevistas foi realizada, digitada e digitalizada. Paralelamente às memórias recolhidas pelas entrevistas, outros materiais foram fornecidos espontaneamente pelos depoentes e serviram para ilustrar e materializar ainda mais suas falas: cadernos de anotação de aula, palmatórias, livros didáticos, sabatinas, fotografias avulsas, álbuns escolares etc. Ao final da série de entrevistas, cada depoente recebeu uma cópia do CD-ROM contendo sua fala, a partir do qual ele autorizou ou não a veiculação das informações. Atualmente, o GEM possui um banco significativo de vozes, o qual está sendo utilizado como fonte para embasar dissertações de mestrado e teses de doutorado que têm como limite cronológico a primeira metade do século XX.

Considerações finais

Iniciado com o objetivo de localizar e sistematizar documentos concernentes à educação de Mato Grosso, ao longo dos séculos XIX e XX, o GEM, com seus esforços, conseguiu não só ampliar as fontes – tanto no que diz respeito à quantidade quanto à sua natureza e tipologia. Nesse movimento, montou um banco de dados cujas referências são capazes de amparar trabalhos de pós-graduação, nas mais variadas vertentes.

Esses esforços despendidos pelo GEM ao longo de quase uma década, fizeram fulgurar inúmeros acervos escolares, constituídos a partir de peças soltas e desconectadas, aos moldes de um grande quebra-cabeça, cujas estampas podem ser pinçadas no interior dos mais diversos acervos: públicos (estadual/federal), privados institucionais e também nos pessoais e familiares.

Referências bibliográficas

ALVES Amélia de Arruda. *O Município de Cuiabá*. Terceiro Livro de Leitura. Cuiabá: 1949.

ALVES, Gilberto Luiz. *Educação e história em Mato Grosso: 1719-1864*. Campo Grande: UFMS, 1984.

ALVES, Laci Maria Araújo. *Nas trilhas do ensino*. Educação em Mato Grosso 1910-1946. Cuiabá: EdUFMT, 1998.

AMORIM, Elaine Dutra. Arquivos, pesquisa e novas tecnologias. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 89-99. (coleção Memória da Educação).

BARROS, João Ernesto Paes de. *A evolução do pensamento jurídico no conceito de cidadania: uma análise da legislação de ensino de Mato Grosso*. Cuiabá: UFMS, 1997 (mimeo).

BERNARDES, Elizabeth B. Lannes. *Mulheres cuiabanas na Primeira República*. Cuiabá: UFMS, 1996 (mimeo).

BERTOLINI, Carlos Américo. *Encenações patrióticas: a educação e o civismo a serviço do Estado Novo (1937-1945)*. Cuiabá: UFMS, 2000 (mimeo).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Práticas de leitura em livros. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 89-110, jan./jun., 1996.

CASTANHA, André Paulo. *Pedagogia da moralidade: O Estado e a organização da Instrução Pública na Província de Mato Grosso (1834-1873)*. Cuiabá: UFMS, 1999 (mimeo).

CATANI, Denise Bárbara; BUENO, Belmira O.; SOUSA, Cynthia P. de; SOUZA Maria Cecília C. C. de (org.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *A invenção do cotidiano*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Questões de Ensino*. Cuiabá: IHGMT, 2001. (Publicações Avulsas, 29).

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane T.; FARIA FILHO Luciano M.; e VEIGA, Cynthia G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-150.

FRAIZ, Priscila Moraes Varela; COSTA, Célia Maria Leite. *Como organizar arquivos pessoais – manual*. São Paulo: Arquivo do Estado/Associação de Arquivistas de São Paulo, 2001. (*Como Fazer*)

- FRANCISCO, Adilson José. *Apóstolos do progresso: a prática educativa Salesiana no processo de modernização em Mato Grosso (1894-1919)*. Cuiabá: s.ed., 1998. (mimeo).
- GALLEGO, Olga. *Manual de arquivos familiares*. Madri: Asociación Española de Archives, 1993.
- GALETTI, Lyliya da S. G. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GONÇALVES, Manuel Silva, GUIMARÃES, Paulo Mesquita; PEIXOTO, Pedro Abreu. *Arquivos de família: organização e descrição*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1996.
- KUNZE, Nádya Cuiabano. *A Escola de Aprendizes Artífices em Mato Grosso (1910-1937)*. Cuiabá: s. ed., 2005. (mimeo).
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEITE, Gervásio. *Um século de instrução pública: história do ensino primário em Mato Grosso*. Cuiabá: s. ed., 1971.
- LOPES, Ivone Goulart. *O Asilo Santa Rita de Cuiabá: releitura da práxis educativa feminina católica (1890-1930)*. Cuiabá, 2002. (mimeo).
- MARCÍLIO, Humberto. *História do ensino em Mato Grosso*. Cuiabá: SECS-MT, 1963.
- MARTINS, Arilson Aparecido. *O Seminário Episcopal da Conceição: da materialidade física à proposta pedagógica*. Cuiabá: s.ed., 2000. (mimeo).
- MENDONÇA, Rubens de. *Evolução do ensino em Mato Grosso*. Cuiabá: s.ed., 1977.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da História).
- NEUVAULD, Luciane. *O aprendizado agrícola Gustavo Dutra: a maior dádiva de Mato Grosso (1942-1964)*. Cuiabá: s.ed., 1997 (mimeo).

NEVES, Dimas Santana Souza. *Controle e vigilância na construção da cultura escolar em Mato Grosso*. Cuiabá: s.ed., 2004. (mimeo).

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, n. 3, p. 109-116, jun. 2002.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. O museu da Escola de Minas Gerais face aos deságios das novas tecnologias. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 75-88. (coleção: Memória da educação).

PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do Império: família e sociedade em Mato Grosso no século XIX*. São Paulo: Contexto, 2001.

REIS, Rosinete Maria dos. *Palácios da instrução: institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927)*. Cuiabá: s.ed., 2003. (mimeo).

RODRIGUES, Dunga. *A situação lingüística do francês*. Tese (Concurso à cadeira de francês) – Colégio Estadual de Mato Grosso. Cuiabá: s.d.

_____. *Colcha de retalhos*. Cuiabá: Defanti, 2000.

_____. *Cuiabá: roteiro de lendas*. Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1984. (Memória Social da Cuiabania).

_____. *Lendas de Mato Grosso*. Cuiabá: s.ed., 1997.

_____. *Marphysa* (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo do Ourique e das esmolos do Senhor Divino). Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1981. (Memória Social da Cuiabania, 1).

_____. *Movimento musical em Cuiabá*. Cuiabá: s.ed., 2000.

_____. *Os vizinhos*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1977. (Cadernos Cuiabanos, 3).

_____. *Reminiscência de Cuiabá*. Goiânia: Cinco de Março, 1969.

_____. *Roteiro musical da Cuiabania: o movimento musical em Cuiabá*. Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1978. (Memória Social da Cuiabania, 1).

_____. *Roteiro musical da Cuiabania: Antônio Simaringo: vida e composições*. Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1978. (Memória Social da Cuiabania, 2).

_____. *Roteiro musical da Cuiabania: Antonio Pedro de Figueiredo: vida e composições*. Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1979. (Memória Social da Cuiabania, 3).

_____. *Roteiro musical da Cuiabania*: José Mamed da Silva Rondon: vida e composições. Cuiabá: UFMT/NDIHR, 1979. (Memória Social da Cuiabania, 4).

_____. *Uma aventura em Mato Grosso*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1984.

_____. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá: FIEMT, 1994.

RODRIGUES, Firmo José. *Diário de uma viagem*. Cuiabá: s.ed., 2001.

_____. *Figuras e coisas de nossa Terra*. Cuiabá: s.ed., 1959.

ROSA, Elizabeth Pippi. *Cartilha do Dever*: a instrução pública primária em Mato Grosso nas primeiras décadas republicanas (1891-1910). Cuiabá: s.ed., 2002 (mimeo).

SÁ, Nicanor Palhares; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (orgs.). *Educação e memória*: catálogo de documentos relativos à história da educação mato-grossense (período Imperial) Cuiabá: EdUFMT, 1996.

_____. (orgs.). *Leis de regulamentos da Instrução Pública do Império em Mato Grosso*. Campinas: Autores Associados/SBHR/INEP, 2000.

SANTOS, Edmar Joaquim dos. *A educação física higienista em Mato Grosso* (fase de implantação) 1910-1920. Cuiabá: s.ed., 1999 (mimeo).

SILVA, Elizabeth de Sá Poubel. *A escola normal de Cuiabá (1910-1916)*: contribuição para a história da formação de professores em Mato Grosso. Cuiabá, 2000 (mimeo).

SILVA, Euclides Poubel e. *Origens do Conselho Estadual de Educação*. Cuiabá: s.ed., 2003 (mimeo).

SILVA, Gisleine Crepaldi. *Educação na revista feminina "A Violeta"*. Cuiabá: s.ed., 2003 (mimeo).

SIMIÃO, Regina Aparecida Versoza. *Processo de profissionalização docente em Mato Grosso (1930-1960)*. Cuiabá, 2004 (mimeo).

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras*: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870-1889). Cuiabá/Brasília: EdUFMT/INEP, 2000.

_____. Ernesto Camilo Barreto. In: FÁVERO e BRITTO (orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil*: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro/Brasília: UFRJ/INEP, 2002, p. 306-315.

SOARES, Marize Bueno de Souza. *O ensino laico: entre a cruz e a espada*: polêmica sobre o ensino laico veiculado pelo periódico “A Cruz” (1910 – 1924). Cuiabá, s.ed., 2002 (mimeo).

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. *Escola e memória*. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH/EDUSF, 2000.

SOUZA, Marlene Flores de. *A instrução pública na província de Mato Grosso*: educação e instrução, a construção de significação (1836-1860). Cuiabá: s.ed., 2005 (mimeo).

STEINEN, Karl von den. *O Brasil central*. Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, 3).

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares*: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Práticas de Leitura na Escola Brasileira dos Anos 1920 e 1930. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Modos de ler, formas de escrever*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 87-116.

XAVIER, Emilene Fontes de Oliveira. *Cultura e civismo no Grupo Escolar “Leônidas de Mattos”* (Santo Antônio de Leverger/MT). Cuiabá: s.ed., 2005 (mimeo).

ZAIA, Iomar Barbosa; VIDAL, Diana Gonçalves. *O acervo escolar*: organização e cuidados básicos. São Paulo: EDUSP, 2004.

ZANELLI, Maria Inês. *A criação do Liceu Cuiabano na província de Mato Grosso*: o curso de línguas e ciências preparatórias e a formação dos intelectuais. Cuiabá: s.ed., 2001. (mimeo).

Endereço para correspondência
Elizabeth Madureira Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
Av. Fernando Corrêa, s/nº - Cidade Universitária - Coxipó
Cuiaba, MT – Brasil
CEP: 78068-385
Rua 4, 630 – Bairro Esperança
78068-385 Cuiabá - MT
elizabet@top.com.br